

Bolsa pode subir 40% até o fim de 2020, preveem economistas

Valor Investe fez levantamento com 14 bancos, corretoras e casas de análise; reformas e juros baixos devem ajudar, mas tem uma pedra "China-EUA" no meio do caminho

Por Weruska Goeking, Valor Investe — São Paulo

09/08/2019 06h10 · Atualizado há 4 horas



Depois de renovar recordes na esteira do otimismo com a reforma da Previdência, o Ibovespa segue 40% abaixo de seu maior patamar em dólar (ou, olhando por outro lado, teria que subir 69% para voltar ao pico dolarizado) e o Valor Investe já te explicou porque isso acontece aqui.

Mas isso não significa que o principal índice da bolsa tem todo esse espaço para subir em escala nominal, ou seja, em reais. Pelo menos não até 2020, segundo os economistas consultados pelo Valor Investe.

Conforme levantamento feito com 14 bancos, corretoras, gestoras e casas de análise, a expectativa média é de que o Ibovespa avance 11,5% em 2019, para 116 mil pontos, e quase 40% de hoje até o fim de 2020, chegando aos 144 mil pontos (*veja tabela abaixo*).

Projeções do mercado para o Ibovespa

Quem?	2019	2020
Ativa Investimentos	108 mil pontos	200 mil pontos
BTG Pactual	119 mil	não tem
BofA	120 mil pontos	não tem
Galt Capital	108 mil pontos	130 mil pontos
Guide Investimentos	119 mil pontos	não tem
Austin Rating	105 mil pontos	130 mil pontos
Eleven Financial	120 mil pontos	136 mil pontos
E2M Investimentos	120 mil pontos	150 mil pontos
Órama Investimentos	115 mil pontos	125 mil pontos
Modalmais	120 mil pontos	140 mil pontos
Terra Investimentos	115 mil pontos	140 mil pontos

Quem?	2019	2020
Daycoval	116 mil pontos	não tem
Portofino Investimentos	125 mil pontos	150 mil pontos
Santander	115 mil pontos	não tem
MÉDIA	116.071 pontos	144.556 pontos
POTENCIAL DE VALORIZAÇÃO	11,5%	38,8%

O cenário-base para o índice efetivamente registrar essas valorizações leva em consideração a aprovação da reforma da Previdência no Senado sem grande desidratação da economia de R\$ 933,5 milhões em 10 anos (conforme aprovado na Câmara dos Deputados), juros baixos, privatizações e cenário menos turbulento lá fora, especialmente entre China e EUA.

Sim, mesmo depois de toda a empolgação demonstrada pelos investidores com a aprovação da reforma em primeiro e segundo turno na Câmara, o fato não está totalmente refletido nos preços das ações.

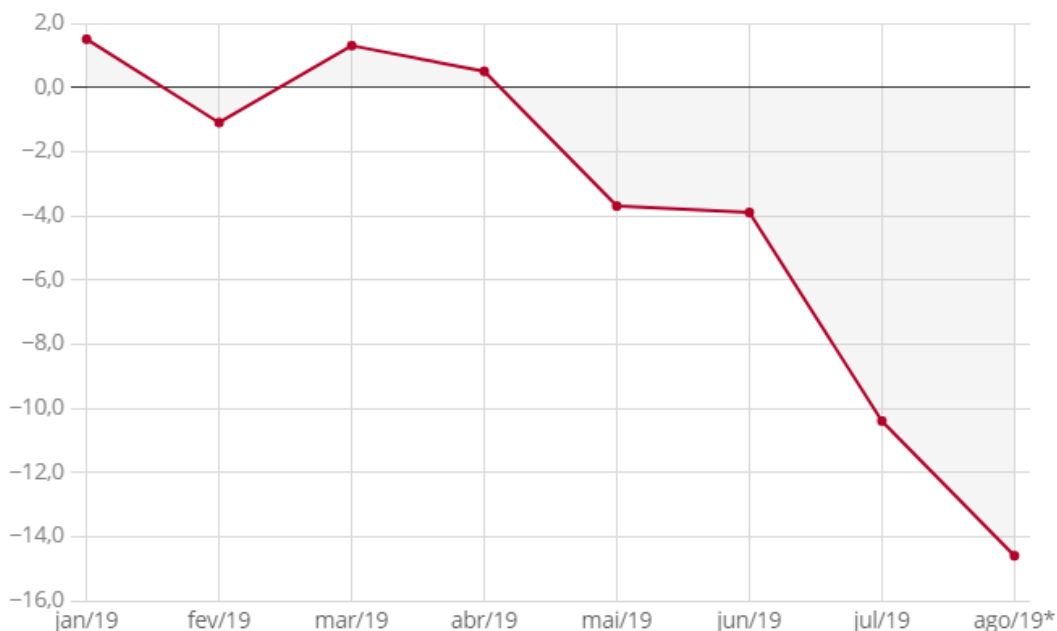
"Ainda tem algum risco de tirar alguma parte da economia [aos cofres públicos] prevista", explica Evandro Buccini, economista-chefe da Rio Bravo.

Na esteira da aprovação da reforma da Previdência, a expectativa dos economistas é que a atividade econômica encontre um caminho sustentável para voltar a crescer e o dinheiro do investidor estrangeiro também volte.

Até o dia 6 de agosto, a bolsa brasileira acumulava saída de R\$ 14,7 bilhões no ano, no pior resultado para o período desde 2008. Para se ter uma ideia, em todo o ano passado a saída de estrangeiros somou R\$ 11,521 bilhões.

Participação de estrangeiros na B3

Saldo acumulado no ano - em R\$ bilhões



Fonte: B3. Elaboração: Valor Data. * Até o dia 6 - segmento Bovespa

Nem só Previdência

Se esse dinheiro todo começar a voltar para o mercado acionário do país, já é suficiente para dar um bom fôlego para o Ibovespa.

A Guide Investimentos, por exemplo, inclui a perspectiva de maior alocação de fundos locais e estrangeiros em ativos brasileiros para sua projeção de alta de 14,3% do Ibovespa neste ano.

Mas nem só de Previdência vive o investidor. O mercado também quer outra reforma, a tributária.

"Com reformas prosseguindo, além da Previdência, penso em 120 mil pontos no fim de 2019 e, mantendo o mesmo princípio, projetaria 140 mil pontos no fim de 2020", condiciona Alvaro Bandeira, economista-chefe do banco digital Modalmais, ao contar suas estimativas.

O presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), disse na quarta-feira (7) não ter nenhum calendário em mente para a aprovação da reforma tributária - próxima reforma a ser apreciada pelos deputados.

"Esse [a reforma tributária] é um dos fatores, que é positivo, que vai ficar para o ano que vem", avalia Adriano Cantreva, sócio da Portofino Investimentos

Para a equipe de análise da Ativa Investimentos, o avanço das reformas - sem atraso em seus cronogramas - e com as empresas que compõem o Ibovespa atingindo o máximo de seus preços-alvo, o Ibovespa pode chegar à marca de 111 mil pontos - sua projeção mais otimista.

O empurrão dos juros

Igor Lima, gestor da Galt Capital, acredita que o risco/retorno das ações deve valer o investimento, com "uma agenda econômica mais clara e novo patamar de taxas de juros".

"Este fator [juros baixos], mesmo na ausência de crescimento da economia, deve fazer com que a bolsa tenha um desempenho positivo no segundo semestre", diz Lima.

Se dependesse apenas da taxa de juros, esse caminho estaria mais simples. Com a Selic em 6% ao ano, seu menor patamar histórico, e com mercado esperando novos cortes, o investidor tende a migrar da renda fixa para a variável em busca de maior rentabilidade.

"A queda dos juros abre bom espaço para valorização das ações", ressalta Cantreva, da Portofino Investimentos.

Além disso, a captação fica mais barata para as empresas. "Vemos uma aceleração do ciclo do crescimento do lucro das empresas, assim como um ambiente ainda propício ao aumento de eficiência das mesmas, com custo de capital mais baixo quando comparado aos últimos anos. É uma clara mudança de ciclo", afirma a Guide Investimentos.

O lado "sombrio" das projeções

Basicamente, pode dar errado. As expectativas que formam o cenário positivo podem acabar frustradas - total ou parcialmente - e o Ibovespa não chegar lá.

"Nossos cenários não contemplam uma deterioração externa aguda ou frustração nas votações pendentes da reforma da Previdência, o que reduziria significativamente o nível de preço da bolsa brasileira", explica Igor Lima, gestor Galt Capital, que prevê Ibovespa em 108 mil pontos neste ano e em 130 mil pontos em 2020.

Sem continuidade de reformas estruturantes, como a tributária, e em caso de diluição do texto da reforma da Previdência no Senado (e da economia que esta deve proporcionar) , Alvaro Bandeira vê o Ibovespa perto de 90 mil pontos ao fim de 2019 e próximo de 100 mil pontos em fim de 2020.

Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, acredita que os principais fatores que podem afetar negativamente o mercado de ações no Brasil é o exterior, com destaque para o cenário de desaceleração econômica nas principais economias, os efeitos do Brexit (saída do Reino Unido da Zona do Euro) e a guerra comercial e cambial entre EUA e China.

Entre todos esses "fantasmas" que podem assombrar a bolsa brasileira, o que mais tem assustado os investidores nos últimos dias é o embate entre as maiores economias do mundo.

Após o presidente Donald Trump ter dito que irá impor tarifas de 10% sobre outros US\$ 300 bilhões em importações chinesas, que ainda não haviam sido taxados em rodadas anteriores, o governo chinês deixou sua moeda desvalorizar até sua menor cotação em relação ao dólar nos últimos 11 anos.

A sinalização é de que a guerra comercial poderia caminhar para uma guerra cambial.

No curto prazo, o prolongamento da guerra comercial entre Estados Unidos e China abre espaço para que o Brasil tente aumentar a participação de suas exportações aos dois países, segundo estudo da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

O ganho de mercado ocorreria sobretudo nas vendas de commodities para a China, onde Brasil e Estados Unidos disputam diretamente a preferência dos chineses e a competitividade brasileira tende a aumentar a partir de agora com a taxaço de seus correspondentes americanos.

Do outro lado, o aumento das incertezas pode levar a uma retração do investimento global, um ambiente que pode "contaminar" o país, que custa a engatar uma recuperação econômica.

"Acredito que isso não vai ter uma resolução muito rápida. Eles tendem a voltar a conversar, mas me parece que uma parte do estrago para o comércio global já está feito, com essa guinada mais protecionista", diz Evandro Buccini, da Rio Bravo.

Para Cantreva, da Portofino, os enfrentamentos entre China e EUA têm capacidade "maior do que gostaria" de jogar por água abaixo das projeções otimistas para o Ibovespa.